6. Conclusão

Para respondermos a presente indagação que se mantém central, ao longo do presente trabalho, devemos, inicialmente, rerepresentar as idéias de Friedrich Waismann (1978, p.117-144), que inspirado em Wittgenstein demonstra que a linguagem utilizada no dia-a-dia não pode ser verificada de forma conclusiva. Isso quer dizer que todas as palavras que se destinam a reproduzir o mundo empírico e psicológico têm “a possibilidade permanente de existência de uma região de significado onde não conseguimos determinar com segurança se certa palavra se aplica ou não” (Struchiner, 2002, p.6). Ou seja, não conseguimos verificar absolutamente o significado proveniente das palavras quando estamos diante de casos novos, ou quando “as palavras utilizadas na afirmação criam uma combinação que nunca foi usada antes, e por isso, carecem de uma explicação (significado)” (idem, p.14). Por isso, para Waismann, a capacidade de verificação (do significado) apenas se faz presente quando o tipo de situação em que ele deve ser usado é descrito (Waismann, 1978, p.122). O contexto no qual o objeto se encontra deve ser revelado em sua descrição, para que este mesmo possa ser verificado.

Nesse sentido, é fundamental ressaltarmos que, por mais que a maioria dos autores nas Relações Internacionais e no Direito Internacional venha a afirmar a imprecisão referente ao termo intervenção humanitária ou aos termos centrais que a compõem na prática, para Wittgenstein, tal afirmativa não faria sentido. Para o autor, o significado da linguagem não pousa nos signos lingüísticos (nas palavras) conforme se acreditava até a primeira metade do século XX, e sim no uso das palavras em um contexto específico. Nesse sentido, todas as palavras são dignas de imprecisão em seu significado, uma vez que os signos lingüísticos apenas adquirem significados delimitados quando postos em prática (Mc Ginn, 1997, p.44).

Logo, a ambigüidade proveniente do significado das palavras (quando não se sabe ao certo seus significados na prática) é proveniente de sua própria natureza. Para

Wittgenstein, o significado da linguagem não tem proveniência dos conteúdos lingüísticos das palavras, conforme havia se pensado na tradição clássica e moderna da filosofia, emanando, na verdade de um jogo dinâmico de comunicação.

Wittgenstein ressalta em suas anotações que utilizar a linguagem é como realizar uma atividade, uma ação. A comunicação permite que os objetos representados materializem-se enquanto tais. A linguagem, então, é constitutiva e representacional ao mesmo tempo. Logo, os atos humanos estão no início das construções das estruturas sociais, cuja regulação ocorre por meio de regras sociais que, por sua vez, são comunicadas e possibilitadas via linguagem. Sem as palavras e sua capacidade representacional, os atos se manteriam silenciados (Debrix, 2003, p.10).

Trazendo Wittgenstein ao debate a respeito da intervenção humanitária, o ponto principal da discussão é argumentar que a condição de ambigüidade e imprecisão dos conceitos centrais que arquitetam a justificativa para uma intervenção humanitária são características intrínsecas da linguagem e não devem ser vistas como problemáticas, uma vez que, de acordo com Wittgenstein, seus significados apenas adquirem precisão quando os signos lingüísticos são inseridos em um contexto argumentativo específico. Assim, as zonas cinzentas de Waismann, as zonas de dúvida, fazem parte do processo constitutivo de significado da linguagem, e permitem que, à medida que as palavras são contextualizadas em ambientes diversos, venham a adquirir diferentes significados. Por isso, grande parte do significado das palavras encontra-se no contexto, e não se deve investigar o significado da linguagem olhando-se apenas para o conteúdo lingüísticos das palavras de forma descontextualizada.

Nesse sentido, se trouxermos as análises de construção de significado para uma investigação referente às tomadas de decisão para uma intervenção humanitária, o significado dos principais termos que arquitetam o entendimento da prática emerge do jogo de negociação em andamento no Conselho de Segurança e, não exclusivamente, das intenções e interesses dos representantes sentados à mesa de discussão. Os significados não emanam da externalização de interesses conforme sugerido por Locke e, nem tampouco, as palavras emanam da alma conforme apontado por Aristóteles. Para que possamos entender o papel da linguagem na atribuição de significados aos termos principais que arquitetam o entendimento a respeito da intervenção humanitária, devemos olhar para o jogo de negociação em andamento entre os membros no Conselho de Segurança.

Logo, pode-se concluir que, tomando por base as idéias de Wittgenstein, o

processo de tomada de decisão que ocorre no Conselho de Segurança foge do controle e da interpelação exclusivos dos interlocutores e dá margem à construção de significados diversos, de acordo com as negociações que ocorrem entre os membros durante as tomadas de decisão. Eis a capacidade dinâmica e criadora da linguagem, quando analisada, em seu uso.